

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

ESTUDOS FILOLÓGICOS SOBRE UMA CARTA DO NAVEGADOR VASCO DA  
GAMA

Paulo Henrique da Silva Barbosa

DRE: 115027181

2023

ESTUDOS FILOLÓGICOS SOBRE UMA CARTA DO NAVEGADOR VASCO DA  
GAMA

Monografia submetida ao Centro de Letras e  
Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro,  
como requisito parcial para obtenção do título de  
Licenciado em Letras: Português-Literaturas.  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Karen Sampaio Braga  
Alonso.

Rio de Janeiro  
2023.2

## RESUMO

Este estudo propõe uma análise minuciosa e filológica da carta de Dom Vasco da Gama, datada do século XVI, redigida durante sua segunda expedição às Índias, na ilha de Quíloa. O trabalho destaca aspectos significativos nos âmbitos histórico, linguístico e paleográfico. A pesquisa insere o documento em seu contexto histórico e explora a relevância da filologia na interpretação de textos antigos, sublinhando a necessidade constante de revisão de edições. O estudo estabelece diretrizes para uma edição conservadora, abrangendo a transcrição de abreviaturas, respeito à grafia original e preservação de pontuação e acentuação. Visando facilitar a decodificação, são fornecidos um quadro escriptográfico e um fac-símile. Adicionalmente, é apresentada uma edição modernizada que mantém o estilo literário do texto original. Esse trabalho contribui para uma compreensão mais profunda do conteúdo histórico e linguístico contido na carta.

Palavras-chave: Filologia; Paleografia; Dom Vasco da Gama; Século XVI; Segunda viagem à Índias; Edição de Texto; História; Linguística.

## **ABSTRACT**

This study provides a philological analysis of Dom Vasco da Gama's 16th-century letter, written during his second voyage to the Indies, on the island of Quiloa. Emphasizing historical, linguistic, and paleographic aspects, the document is contextualized, discussing the importance of philology in interpreting ancient texts and the need for constant revision of existing editions. Conservative editing norms were established, including the transcription of abbreviations, respect for the original spelling, and preservation of punctuation and accentuation. A scriptographic chart and facsimile were provided to facilitate decoding. Additionally, a modernized edition preserving the literary style of the original text is presented. The research contributes to a deeper understanding of the historical and linguistic content of the letter.

Keywords: Philology; Paleography; Dom Vasco da Gama; 16th Century; Second Voyage to the Indies; Text Editing; History; Linguistics.

## **DEDICATÓRIA**

Este trabalho é dedicado a todos os navegantes portugueses que cruzaram os oceanos em busca de novas oportunidades e “mares nunca dantes navegados”. A todos que enfrentaram, e enfrentam tempestades, no oceano da vida. Que a nossa fé e resiliência não sucumbam diante dos obstáculos que apareçam. E que possamos ter forças para cruzarmos os mares tenebrosos com perseverança.

## AGRADECIMENTOS

Eu agradeço primeiramente a Deus, pois é a ele que recorro, entrego meus problemas e minha vida para que aconteça o que ele deseja de melhor para mim.

Depois agradeço aos meus pais: minha mãe Lindaci e meu pai Fernando; por terem me dado todo o apoio moral, psicológico, financeiro e principalmente amor para que eu pudesse chegar até aqui.

Também agradeço a meus irmãos André e Bárbara por também acreditarem em mim, mesmo quando eu mesmo não acreditava.

Gostaria de agradecer a meus sobrinhos Barhone, Isaac, Samuel, Rafael e Pedro Henrique, pois eles dão alegria a nossa família.

Gostaria de agradecer a três professores: Leonardo, Karen e Bianca.

Ao professor Leonardo (Léo), por ter sido o estímulo inicial dessa monografia e exemplo de profissional, que construiu todas as bases para que esse trabalho fosse feito.

Também, agradeço à professora Karen, por ter dado prosseguimento a este trabalho que será apresentado aqui, e ter me acolhido e estimulado a continuar meus estudos, mesmo quando eu mesmo não acreditava em mim.

Fico muito feliz e grato, a professora Bianca, da Comissão de Orientação e Acompanhamento Acadêmico (COAA) que acolheu meu caso, e fez de tudo para que eu não largasse a faculdade em reta final e pudesse concluir esse trabalho. Sem ela isso aqui não seria possível.

Eu saúdo a meu amigo Carvalho, que trabalhava de livreiro no prédio de Letras (UFRJ) e a minha tia Maria, que morreram no contexto da pandemia de COVID-19. Eles torciam por minha formatura e eram pessoas maravilhosas. Sinto falta deles.

Também agradeço a minha psicóloga (Eveline), e a todos demais amigos, familiares, colegas e professores que de alguma forma contribuíram para que esse trabalho fosse concluído.

Muito obrigado!

*Ó Nossa Senhora dos Navegantes, Mãe de Deus criador do céu, da terra, dos rios, lagos e mares; protegi-me em todas as minhas viagens.*

*Que ventos, tempestades, borrascas, raios e ressacas, não perturbem a minha embarcação e que monstro nenhum, nem incidentes imprevistos causem alteração e atraso à minha viagem, nem me desviem da rota traçada.*

*Virgem Maria, Senhora dos Navegantes, minha vida é a travessia de um mar furioso. As tentações, os fracassos e as desilusões são ondas impetuosas que ameaçam afundar minha frágil embarcação no abismo do desânimo e do desespero.*

*Nossa Senhora dos Navegantes, nas horas de perigo eu penso em vós e o medo desaparece; o ânimo e a disposição de lutar e de vencer tornam a me fortalecer.*

*Com a vossa proteção e a bênção de vosso Filho, a embarcação da minha vida há de ancorar segura e tranquila no porto da eternidade.*

*Nossa Senhora dos Navegantes, rogai por nós.*

*(Oração à Nossa Senhora dos Navegantes, cuja devoção remonta ao período das Grandes Navegações)*

*Autoria Desconhecida*

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b>	8
2	<b>BREVE HISTÓRIA DO NAVEGADOR VASCO DA GAMA</b>	11
3	<b>SOBRE A CARTA</b>	18
3.1	CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA	18
3.2	O TRABALHO FILOLÓGICO NA EDIÇÃO DO TEXTO	22
3.3	ORGANIZAÇÃO DO MANUSCRITO	24
3.4	SOBRE A LÍNGUA PORTUGUESA DO MANUSCRITO	26
4	<b>ELABORAÇÃO E NORMAS DE EDIÇÃO DO MANUSCRITO</b>	29
4.1	NORMAS DE EDIÇÃO	29
4.2	QUADRO ESCRIPTOGRÁFICO	31
4.3	FAC-SÍMILE	34
4.4	EDIÇÃO PALEOGRÁFICA	37
4.5	EDIÇÃO MODERNIZADA	39
5	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	40
6	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	41



## 1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é uma análise filológica sobre uma carta do século XVI escrita pelo ilustre navegador Vasco da Gama, no contexto de sua segunda viagem de ida às Índias. Essa carta possui diversas dificuldades técnicas, ao leitor moderno, para decifração e para o entendimento do conteúdo ali expresso. Este trabalho possui a incumbência de possibilitar o acesso desse material a todos os profissionais e leitores interessados.

O conteúdo aqui exposto visa ajudar aos profissionais que queiram ter acesso a esse tipo de texto para os mais diversos fins, seja-os linguístico, literário, histórico, e entre outros.

A documentação da época pode ser difícil de ler para leitores contemporâneos: Desde a grafia, ao contexto da época, ao personagem, podem distanciar o leitor atual do entendimento do conteúdo, então o trabalho filológico, neste caso, torna possível que a geração presente dialogue da melhor forma possível com o passado. Sendo uma ponte do leitor moderno ao escritor do passado.

Como ponto de partida, questionaremos a edição da carta feita por Luis Keil.

Ele estava, através de provas documentais e reprodução de fac-símiles de fontes primárias, questionando a autenticidade de um documento atribuído erroneamente a Vasco da Gama. Essa carta falsa foi dita verdadeira pelo autor francês Jean-Paul Alaux em sua obra chamada “L’Epopée des Portugais aux Indes”. Através da comparação da carta trazida por Alaux com outros documentos autênticos de Vasco da Gama, Keil chega à conclusão de que se tratava de uma carta falsa. (KEIL, 1934)

Foi questionado tanto o conteúdo da carta falsa — que dizia que o tempo de navegação de Lisboa até Ormuz era muito curto — e que nenhuma navegação do século XVI possuía a capacidade tecnológica de fazer a viagem em tão curto período de tempo e principalmente, o trabalho de Keil reproduziu fac-símiles de diversos documentos autênticos atribuídos a Vasco da Gama para questionar a assinatura do navegador e o documento falso. (KEIL, 1934).

No caso da assinatura, a carta está assinada Vasco da Gama, sem os títulos que o próprio Vasco colocava junto de seu nome. (KEIL, 1934)

Especialmente sobre a carta que é o objeto deste trabalho, podemos destacar que:

Citado por Luciano Cordeiro em 1892, e transcrito no <<Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa>> (11ª serie N.º 4) e ainda por Brito Rebello no tomo XIII da <<Revista de Educação e Ensino>> (pág. 5) este documento é pela primeira vez reproduzido em fac-símile. (KEIL, 1934 pág 109)

Ou seja, Luis Keil foi o primeiro a reproduzir o documento, na sua forma original e também fez uma edição que é de suma importância para prosseguirmos este trabalho

É importante salientar, todavia, que a edição de Luis Keil (1934, p. 109) não possui erros graves e tornam o acesso ao conteúdo da carta comprometido. Porém, existem limitações e erros que talvez inviabilizem o uso dessa transcrição para estudos acadêmicos

Abaixo estão alguns erros destacados:

- Separação dos espaços das palavras não foi respeitado. Juntando palavras que foram escritas separadas e separando palavras que foram escritas juntas como o caso de "a elo".
- Ausência da expressão “etcetera” depois do nome do navegador.
- A troca do j pelo g na palavra “jente” por “gente” para o autor.
- Troca do nome “etcetera” por “&”, não explicando o que significa o “&”.
- Mudança de tempo verbal presente do indicativo da palavra "tornares" quando deveria estar no tempo futuro do presente do indicativo escrito "tornarês"
- Um mesmo símbolo foi transcrito com "o" em "a elo" e "e" em "me", sendo que o símbolo é um "e" e não um "o". A palavra seria escrita corretamente como "aele", pois assim está no texto.
- Quais foram os critérios estabelecidos na criação da sua edição?

Como dito acima, estes erros não são erros graves que comprometam totalmente o entendimento final da carta, mas o que está sendo proposto aqui é um trabalho que possa ser criterioso como fonte de estudos posteriores acadêmicos.

Quais foram os critérios utilizados por Keil na edição dos textos? Quais regras ele impôs a si mesmo na hora de fazer a sua edição? O trabalho feito aqui, visa sanar esses problemas e propor uma nova edição e com os critérios e normas elucidados e explicitados.

Além disso, faz-se necessário estudar outros aspectos da carta, que serão explicados ao longo desta monografia.

Outro problema que talvez possa incomodar um leitor que acesse o texto do autor Luis Keil, é a necessidade de alegar um caráter nacionalista durante a refutação do autor francês. (KEIL, 1934) O trabalho de Keil foi feito durante a vigência do Estado Novo de Antônio de Oliveira Salazar. Então temos que perceber que o trabalho é fruto de sua época.

Com tudo o que foi exposto acima. Faz-se necessário expor uma breve história do personagem e autor da carta, Vasco da Gama. Especialmente o contexto de sua segunda viagem.

## 2 BREVE HISTÓRIA DO NAVEGADOR VASCO DA GAMA

Vasco da Gama era um nome comum na região do Alto Alentejo, pelo menos desde o século XV. O nome da família possuía ligações, à época, com Évora e Olivença. Então é preciso ter cuidado para não confundir, ou atribuir feitos, à figura de importância histórica Vasco da Gama, que são de pessoas homônimas. Começemos a falar que a primeira pessoa importante para entendermos o navegador **que** seria o seu avô (também chamado Vasco da Gama).

O trecho abaixo, nos mostra como estava a família da Gama, em meados de 1470:

...às campanhas militares em Castela de D. Afonso V, levadas a cabo em defesa da herança dinástica de sua sobrinha, a Beltraneja, as quais terminarão no desastre de Toro. Estamos em meados da década dos anos 70, e nessa campanha está documentada a presença de três cavaleiros com o apelido Gama: Vasco, Estêvão e Aires. É opinião maioritária dos autores que estamos perante o avô, o pai e um dos tios do descobridor da Índia. (FONSECA, 1997, p. 15).

A família da Gama pertencia à ordem de Avis, e posteriormente migraram para a ordem militar de Santiago (posteriormente as duas ordens se fundiriam na ordem de Santiago). Era uma família que rodeava a corte portuguesa e fazia diversos favores à coroa. Como já foi levantado acima, temos que ter cuidado com os nomes, pois os nomes se repetem, em pessoas diferentes. Já comentamos que o próprio avô do navegador também tinha o nome de Vasco da Gama. Como disse Fonseca (1997, p. 16), esse Vasco da Gama teve quatro filhos: Estêvão (filho mais velho, o pai do navegador), Aires, Jorge (ou João, de acordo com alguns autores) e Paulo (filho mais novo).

Desses filhos, nos atentaremos a Estêvão da Gama (pai do navegador). Filho de Vasco da Gama, “Estêvão, pai do navegador, é cavaleiro da ordem de Santiago, alcaide de Sines e comendador do Cercal, e criado do infante D. Fernando” (FONSECA, 1997, p.17). Estêvão da Gama chegou a participar da batalha de Tânger de 1471. O que se sabe dele é que recebeu mercês, ao longo dos anos, por feitos militares em Castela, e em Marrocos. Ele possuía um bom relacionamento com o príncipe D. João, que viraria D. João II. Ele é nomeado alcaide e comendador no final dos anos 70. Devido ao silêncio das fontes, provavelmente morreu um pouco depois de 1484, o que dificultaria ele ter sido cogitado como capitão-mor para o caminho das Índias, como consta em algumas tradições cronistas. (FONSECA, 1997).

Um exemplo dessas tradições está em (BARROS, p. 122): “ca segundo se dezia Esteuã da Gãma seu pay já defuncto estauá ordenado pera fazer esta viagem em vida del rey dom Joam”.

Vasco da Gama, o renomado navegador português, tinha laços familiares significativos ligados a Santarém por meio de sua mãe, Isabel Sodré. Filha de João de Resende e Maria Sodré, membros proeminentes da Ordem Militar de Cristo e associados a D. Diogo, Isabel Sodré uniu-se em matrimônio com Estêvão da Gama. Esse casamento, possivelmente orquestrado para ampliar a influência da família nas Ordens de Santiago e de Cristo, reforçou as conexões da família Gama com as esferas eclesiásticas e militares. Vale destacar que João de Resende, pai de Isabel Sodré, desempenhava o papel de provedor das valas das lezírias do Tejo em Santarém. Essas relações familiares e sociais revelam a complexa rede de conexões que moldaram a trajetória de Vasco da Gama (FONSECA, 1997).

Sobre a família materna temos a citação abaixo:

João de Resende era filho de Gil Pires de Resende e Maria Sodré era filha de Frederico Sodré. A avó de Vasco da Gama tinha um irmão chamada Duarte Sodré, que foi comendador de Santa Clara do Juncal da Ordem de Cristo, alcaide de Gouveia e de Tomar e vedor de D. Diogo, duque de Viseu, governador e administrador da Ordem de Cristo, passado depois da sua morte para o serviço de D. João II e de D. Manuel. (GARCIA, 1999, p. 154)

Os Sodré são uma família de origem inglesa, vinda a Portugal no século XIV, nas campanhas Fernandinas do conde de Cambridge. Isabel tinha dois irmãos, Brás e Vincente, que morreram numa viagem ao oriente. (FONSECA, 1997, p. 21)

Vasco da Gama, possivelmente nascido em Sines em 1469, teve uma juventude pouco documentada. Recebeu o hábito de Santiago quando jovem, professando anos depois, conforme a tradição da ordem. Um códice do cabido da Sé de Évora, datado de 1480 a 1483, lista a família da Gama. Em 5 de novembro de 1480, o bispo de Safim, com autorização do prelado eborense, conferiu ordens a Vasco da Gama e família. A documentação menciona os filhos legítimos de Estêvão da Gama e Isabel Sodré, incluindo Paulo, João, Pedro e Aires da Gama, além de uma irmã, Teresa da Gama. E um ilegítimo, também chamado Vasco da Gama, o qual não se sabe muita informação. Então Vasco da Gama seria o terceiro filho de Isabel Sodré, esposa legítima de Estêvão da Gama. (FONSECA, 1997, p. 23)

Ele também repete os nomes de outros familiares. Mais uma prova de que é preciso ter cuidado ao analisar a documentação. Só diretamente relacionado a Vasco da Gama, navegador, existem dois outros Vascos da Gama: o avô e o meio-irmão.

Fonseca também cita que:

Conta o cronista Garcia de Resende que, nesse ano de 1492, tendo sido apresada uma caravela vinda da Mina por corsários franceses, o rei de Portugal decide retaliar, ordenando que fossem tomadas as mercadorias de dez naus francesas que se encontravam no porto de Lisboa, e que se fizesse o mesmo em embarcações da mesma nacionalidade que estivessem no Porto, em Aveiro, em Setúbal e no Algarve. Em relação a estas últimas escreve: «E mandou logo a grande pressa com grandes provisões e poderes a Setúbal e ao Reino do Algarve Vasco da Gama, fidalgo da sua casa, que depois foi conde da Vidigueira e almirante das Índias, homem de que ele confiava, e servia em armadas e cousas do mar, a fazer outro tanto a todas as que lá estivessem, o que fez com muita brevidade. (FONSECA, 1997, p.26)

As atividades que constam na documentação da missão 1492 são insuficientes para corroborar o porquê da escolha de Vasco da Gama, como capitão-mor da expedição de 1497 para as Índias. Tirando a lista de ordens de 1480, nessa missão de 1492, a vida pregressa de Vasco da Gama é nebulosa, e vai além do escopo deste trabalho fazer especulações acerca desse período na vida do descobridor. O que podemos entender até aqui é que Vasco da Gama era um homem que vem de uma linhagem ligada a ordens militares, tanto da parte do pai quanto da mãe. Orbitava a corte, provavelmente fazia missões de guerras, atividades corsárias (como a documentada em 1492), entre outras da natureza das ordens militares do período. A partir de 1497, a vida do navegador já se torna mais bem documentada e a história comprovou que Vasco da Gama era capacitado para empreender o caminho às Índias. A natureza difícil da missão não seria dada de encargo para qualquer um; era preciso ter muita experiência em navegação e conhecimentos em outras áreas. Vejamos os relatos de alguns cronistas acerca do navegador:

<< de meia estatura, um pouco envolto em carne, cavaleiro de sua pessoa, ousado em cometer qualquer feito, no mandar áspero e muito para temer em sua paixão, sofredor de trabalhos e grande executor no castigo de qualquer culpa por bem da justiça >>. Descrição de (apud João de Barros, contemporâneo), "seguro da posição adquirida na sequência da viagem de 1497-1499" feita no logo após seu falecimento. Outra descrição interessante vem de Gaspar Correia, que o conheceu em Cochim (no final da vida dele) também cronista, <<Muito isento e súpito com paixão, mui assomado e mui temido e acatado, mui prudente e entendido em todas as coisas.>> (apud Gaspar Correia). (FONSECA, 1997, p. 9).

Com essa breve explicação da vida de Vasco da Gama anterior a 1497, falaremos da sua vida posterior.

As grandes navegações foram um período muito importante na história de Portugal e na história do mundo. As grandes navegações começaram com a conquista de Ceuta (1415) no norte da África e com a chegada à Ilha da Madeira (1418) pelos portugueses. (COSTA, 1979) Esse período histórico ficou conhecido como início das grandes navegações. Foi nele que ocorreu o desenvolvimento da tecnologia de construção das caravelas, possibilitando a navegação contra o vento, o que colocou Portugal no pioneirismo dos descobrimentos. A tudo isso se soma a expulsão dos mouros da Península Ibérica.

Ao longo do século XV, Portugal vinha avançando no conhecimento e na conquista de territórios no ultramar. Um grande marco foi conseguir realizar a travessia pelo Cabo das Tormentas, que depois foi rebatizado de Cabo da Boa Esperança (1488). João de Barros cita esse momento:

...Ao qual Bartholomeu Diaz e os de sua companhia per causa dos perigos e tormentas que em dobrar delle passáram, lhe poséram nome Tormentóso: mas el rey dom Joam vindo elles ao reyno lhe outro nome mais illustre, chamandolhe Cábo de bóa esperança, pola que elle prometia deste descobrimento da Jndia tam esperáda e per tantos annos requerida {desejada}. (BARROS, 1932, p. 87)

Mas foi só com Vasco de Gama e sua esquadra que os portugueses conseguiram de fato chegar à Índia.

No reinado de D. Miguel I, a primeira viagem de Vasco da Gama (8 de julho de 1497- setembro de 1499) foi a viagem mais bem documentada das três que Vasco da Gama empreendeu às Índias. Todas as viagens tinham um cronograma definido para conseguir as melhores condições de navegação.

Abaixo tem o roteiro da primeira viagem de Vasco da Gama:

No Roteiro da Primeira Viagem de Vasco da Gama por Álvaro Velho está assinalado que desde a Angra de São Braz até Melinde, a viagem foi toda ela de pura cabotagem, tocando a frota na Angra da Roca, Natal, Rio do Cobre, Sofala, Rio dos Bons Sinais, Moçambique, Quiloa, Baixos de São Rafael, Mombaça e Melinde, sempre avistando terra, cosendo-se com o litoral oriental da África. (SOUZA, 1959, p. 291)

Cabotagem aqui é um termo para um tipo de navegação que segue a costa continental que é usada como ponto de referência, normalmente navegando-se de porto em porto.

Sobre os instrumentos de navegação usados na navegação, eles são:

Prumo ou sonda para conhecer o fundo do mar e a natureza do fundo (lodo, areia, pedra, etc.), relógio de areia (ampulheta), agulha de marear (bússola), <<livro de rotas>> que são anotações importantes de correntes, ventos, marés, perigos, etc.; carta de navegar; lista de marés, astrolábio noturno para navegar pela Ursa Maior e toleta de marteloio para colocar o navio no rumo certo, depois de navegação em ziguezague. (GARCIA, 1999, p. 253-254)

Citando João de Barros, os navegadores aproveitavam os desembarques para usar o astrolábio na medição da latitude, pois no mar, devido ao balançar das embarcações, a leitura não era tão precisa, quanto em terra. (GARCIA, 1999, p. 258)

A viagem ocorreu a bordo da nau São Gabriel, acompanhada de três outras embarcações.

Durante a viagem, Vasco da Gama ajudou a estabelecer a rota, na qual seguiram as embarcações seguintes. E em cada parada importante Vasco da Gama colocava um padrão para que futuros navegadores pudessem se localizar no espaço geográfico.

Na primeira viagem de Vasco da Gama, enfrentou desafios, incluindo uma armadilha tramada pelos muçulmanos em Moçambique, direcionando suas naus para Mombaça, onde foram atacados. Fugindo para Melinde, recebeu tratamento amigável e recursos essenciais, incluindo um piloto experiente. A primeira viagem às Índias trouxe poucas especiarias, porém provou a viabilidade da rota da Índia, incentivando futuros investimentos portugueses na empreitada. (CAMPBELL, 2023)

No entanto, para essa nova viagem e para o estabelecimento de feitorias de comércio foi designado Pedro Álvares Cabral como capitão-mor de uma grande comitiva. Inclusive Bartolomeu Dias estava acompanhando essa frota.

Para contornar a costa oeste da África rapidamente, ao em vez de seguir próximo à costa, fazia-se uma manobra conhecida como “volta do mar”, no qual se passava longe da costa, indo mais para o oeste e parando no extremo sul do continente africano.

A volta do mar que a frota de Pedro Álvares Cabral fez, entretanto, acabou indo muito para o oeste, e nisso eles acabaram desembarcando em um novo continente em 1500. Esse novo território é o Brasil. Que época foi batizada como Santa Cruz, por Cabral, de acordo com João de Barros (BARROS, 1932)

Depois de conseguir algumas provisões, seguiram viagem para o sul da África. Logo depois de já contornado o cabo da Boa Esperança, ocorreu uma tempestade, na qual muita



gente morreu, e muita provisões e embarcações se perderam. Inclusive Bartolomeu Dias morreu nesta tempestade. (GAMEIRO, 1921-1924, p.150)

E graças a esse evento, nós podemos entender o contexto da carta. Chegando em Calicute, Pedro Álvares Cabral teve problemas. Houve uma escaramuça entre ele e o samorim de Calicute, como destacado abaixo:

Capaz de desafrontar-se com bravura, mas prudente e escrupuloso, mais quere encher-se de razão que cevar os primeiros ímpetos da cólera. Quando, em Calecut, os mouros e os da terra assaltam e roubam a feitoria, matando Aires Correia e perto de sessenta portugueses, Pedro Alvares, raivando de dôr e indignação, tem ânimo para moderar a sua e alheia impaciência e espera um dia inteiro que o Samorim lhe dê satisfações do feio caso; e só depois lhe manda combater e queimar as naus surtas no porto e bombardear a cidade, todo o dia. (GAMEIRO, 1921-1924, p. 19-20)

A viagem de Cabral, moldou o contexto da segunda viagem de Vasco da Gama. Em guerra com os mouros e também com o samorim de Calicute, O rei resolveu enviar D. Manuel I uma grande comitiva de guerra Vasco da Gama como capitão-mor. Então a segunda viagem (12 de fevereiro de 1502 – setembro de 1503) tinha o objetivo de consolidar a rota de comércio e se vingar do que os árabes e indianos fizeram.

D. Vasco da Gama, na segunda viagem à Índia, partiu de Lisboa a 10 de Fevereiro de 1502 com uma armada de vinte velas; regressou a Portugal no ano seguinte de 1503, a 1 de Setembro, segundo Castanheda, e a 10 de Novembro segundo João de Barros. Na armada vieram muitas riquezas do Oriente, e entre elas as primeiras páreas, tributo que havia de pagar cada ano o rei de Quíloa. Quando a armada chegou a Lisboa, o soberano mandou logo visitar Vasco da Gama por D. Nuno Manuel, seu almotacé-mor. (GAMEIRO, 1921-1924, p. 354)

Na nova viagem, Vasco da Gama enfrentou os mesmos problemas encarados por Pedro Álvares Cabral, como a hostilidade, que enfrentavam assim que passavam o cabo da Boa Esperança. Ao longo da viagem, eles capturaram árabes. Mataram outros e assim foram seguindo. Quando chegou em Quíloa, ele ameaçou o rei local. Com isso ele conseguiu que o rei de Quíloa pagasse tributos ao rei de Portugal, resultando em uma boa soma de dinheiro. Depois partiram para Melinde e de lá seguiram para Índia para confrontar o samorim de Calicute com ajuda do raja de Cochim. Ocorreu uma intensa batalha, na qual a frota de Vasco da Gama sofreu perdas, mas conseguindo estabelecer um estado português em Cochim. Eles, posteriormente, trouxeram especiarias e voltaram para Portugal. (CAMPBELL, 2023)

O trecho abaixo, demonstra-nos, como estava a vida de Dom Vasco da Gama, entre sua segunda e a terceira viagens à Índias.

Julga-se que D. Vasco da Gama foi educado na cidade de Evora, e ahi passou a maior parte dos annos que mediaram entre a sua segunda e terceira viagem, morando n'umas casas, que fez pintar com arvores e animaes da India. Ahi casou com D. Catharina de Athaide, e nasceram seus filhos, D. Paulo da Gama e D. Estevão da Gama. Foi durante o tempo que residiu n'estas casas, que um dos seus successores vendeu para habitação dos inquisidores chorenses, que D. Vasco da Gama recebeu o titulo de senhor da Vidigueira e de Villa de Frades, a 17 de dezembro de 1519; e pouco depois conde de primeira villa, por intervenção do duque de Bragança D. Jayme. Em dezembro de 1521 achava-se na cidade de Lisboa, pela aclamação de D. João III, já conde da Vidigueira. Residia n'esta villa quando foi nomeado governador da India com o titulo de vice-rei, por carta passada a 27 de fevereiro de 1524, para onde partiu, capitinando quatorze velas, a 9 de abril do mesmo anno. (ARAGÃO, p. 17)

Vinte anos depois da sua última viagem com a morte do rei e com a assunção do rei seguinte D João III, é que foram revistas as políticas das navegações e foi permitido a ida de Vasco da Gama para a Índia, naquela que seria sua última viagem (1524). Ao longo da vida ele foi acumulando títulos como 1º Conde de Vidigueira, e agora ele seria 2º vice-rei da India. Ele tinha como objetivo impor a ordem no Estado Português da Índia, substituindo Duarte de Menezes. Contraiu malária antes de chegar a Goa, e morreu em Cochim em 24 de dezembro de 1524. (CAMPBELL, 2023)

O corpo de D. Vasco da Gama, depois de vestido em roupas de seda e coberto com o manto da ordem de Christo, foi enterrado com a maior pompa na capella-mór do mosteiro de Santo Antonio da ordem Franciscana em Cochim, e quatorze annos depois, como ordenava o testamento, vieram os seus ossos para a egreja do convento de Nossa Senhora das Reliquias na villa de Vidigueira. (ARAGÃO, 1871 p. 20)

E assim termina a história de grande navegador.

### 3 SOBRE A CARTA

#### 3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Dom Vasco da Gama empreendeu a segunda viagem em fevereiro de 1502. O conteúdo da carta mostra o que ocorreu durante a estadia em Quíloa, na qual a armada de Vasco da Gama teve que travar uma batalha com o Sultão que ali comandava a ilha.

D'esta segunda expedição estava de volta, escreve Castanheda, a 1 de setembro de 1503, e João de Barros, a 10 de novembro do mesmo anno; sendo concordes estes auctores, que trazia grandes riquezas, entre ellas, as pareas, tributo annual havido do rei Habraeno, de Quíloa, na costa da Ethiopia Oriental; as quaes pareas, no cortejo com que foi recebido D. Vasco da Gama, foram levadas em bandeja de prata por um pagem nobre, vestido de pelote e sem barrete, acompanhado de trombetas e atabales e seguido pela côrte. N'este dia ordenou o rei grandes festas com corridas de cannas e de touros. (ARAGÃO, 1871 p. 16)

Uma dúvida que fica é como era a população de Quíloa? Na citação abaixo podemos ter uma ideia:

As cidades-Estados suaílis mais importantes da cadeia que se estendia ao longo da costa oriental da África eram Quíloa, Mombaça, Melinde e Pate, todas possuidoras de alto nível de florescimento cultural e prosperidade comercial, enquanto o grau de islamização oscilava entre a aparência mais superficial e a devoção austera. Sua cultura era predominantemente árabe, embora muitos reivindicassem a origem persa (Xiraz), mas a sociedade suaíli, em geral, encontrava-se profundamente africanizada por gerações de casamentos e concubinagens com mulheres bantas vindas do interior. O ouro, o marfim e os escravos eram os principais produtos que essas colônias suaílis obtinham dos bantos ou cafres ("infiéis"), como eram chamados. Esses produtos eram trocados por contas, produtos têxteis e outras mercadorias trazidas por árabes e guzerates do golfo Pérsico, do mar Vermelho e da Índia. (BOXER, 2002 p. 55)

Ou seja, o povo de Quíloa era um povo miscigenado que seguiam o islã, e de cultura árabe, com influência banta.

Para sabermos mais sobre Quíloa, podemos recorrer ao épico Os Lusíadas de Luís de Camões, onde existem algumas citações de Quíloa que são:

"Esta ilha pequena, que habitamos,  
em toda esta terra certa escala  
De todos os que as ondas navegamos  
De Quíloa, de Mombaça e de Sofala;  
E, por ser necessária, procuramos,  
Como próprios da terra, de habitá-la;  
E por que tudo enfim vos notifique,  
Chama-se a pequena ilha Moçambique.  
(CAMÕES, Canto I Estrofe 54, [1980?], p. 47)

O mesmo o falso Mouro determina,  
Que o seguro Cristão lhe manda e pede;  
Que a ilha é possuída da malina  
Gente que segue o torpe Mahamede.  
Aqui o engano e morte lhe imagina,  
Porque em poder e forças muito excede  
A Moçambique esta ilha, que se chama  
Quíloa, mui conhecida pela fama.  
(CAMÕES, Canto I Estrofe 99, [1980?], p. 50)

— "É do primeiro Ilustre, que a ventura  
Com fama alta fizer tocar os Céus,  
Serei eterna e nova sepultura,  
Por juízos incógnitos de Deus.  
Aqui porá da Turca armada dura  
Os soberbos e prósperos troféus;  
Comigo de seus danos o ameaça  
A destruída Quíloa com Mombaça.  
(CAMÕES, Canto V Estrofe 45, [1980?], p. 82)

«Mas eis outro (cantava) intitulado  
Vem com nome real e traz consigo  
O filho, que no mar será ilustrado,  
Tanto como qualquer Romano antigo.  
Ambos darão com braço forte, armado,  
A Quíloa fértil, áspero castigo,  
Fazendo nela Rei leal e humano,  
Deitado fora o pérfido tirano.  
(CAMÕES, Canto X Estrófe 26, [1980?]), p.121)

A primeira referência a Quíloa (CAMÕES, Canto I Estrofe 54, [1980?], p. 47) está no contexto de citar Moçambique, que à altura era considerada uma ilha.

A segunda referência (CAMÕES, Canto I Estrofe 99, [1980?], p. 50) diz que o pessoal da ilha de Quíloa seguia o islã. A linguagem empregada para se referir aos seguidores do islã, era devido aos portugueses estarem em guerra com os mouros, e o épico de Os Lusíadas, retratou, entre outras coisas, como os portugueses enxergavam os seguidores de Maomé.

Sobre a terceira referência (CAMÕES, Canto V Estrofe 45, [1980?], p. 82), de acordo com Francisco da Silva Bueno, em suas notas de rodapé de sua edição de *Os Lusíadas* (CAMÕES, [1980?], p. 216) temos:

(1) *E do primeiro Ilustre* — Foi Dom Francisco d’Almeida, primeiro vice-rei da Índia (1505-1509) — que aí morreu de uma azagaia {uma lança} na garganta. Morreram 50 portugueses cujos corpos foram enterrados na areia da praia.

(2) *Aqui porá da turca armada dura / Os soberbos e prósperos troféus* — Aqui deporá, perderá os troféus obtidos na vitória contra a armada turca. Refere-se à vitória que o vice-rei da Índia tivera, na batalha naval de Diu (1509), destruindo a esquadra do sultão do Egito (armada turca) e a do senhor de Diu. Mélique Iaz.

(3) *A destruída Quíloa* — Proparoxítone. O vice-rei tomou Quíloa em 24-7-1505 e Mombaça em Agosto do mesmo ano.

Com essas notas de rodapé, é possível notar o fato que ocorreu após a submissão de Quíloa ao rei de Portugal. Então a condição imposta pelo contexto da carta de Vasco da Gama mudou em 24-7-1505, pois a ilha foi atacada, e pela armada do vice-rei Dom Francisco d’Almeida. *Os Lusíadas* (CAMÕES, Canto V Estrofe 45, [1980?], p. 82) então narrou esse incidente.

E por último em *Os Lusíadas* (CAMÕES, Canto X Estrofe 26, [1980?], p.121) também Bueno nos diz em suas notas de rodapé (CAMÕES, [1980?], p. 279) os referentes das palavras ‘outro’ e ‘filho’ são Dom Francisco de Almeida e Dom Lourenço de Almeida, respectivamente. Ou seja, pai e filho estão sendo referenciados aqui. A “destruída Quíloa” se refere ao fato que o rei local, não quis mais pagar páreas ao rei de Portugal, então foi atacado e Quíloa foi tomada pelos portugueses.

Sobre o destino do tributo adquirido por Vasco da Gama, do Rei de Quíloa em 1502, é que eles foram recolhidos e somavam 1500 meticais de ouro, foi uma boa soma de dinheiro. O ouro de Quíloa foi usado para criar a Custódia de Belém, símbolo da riqueza das grandes navegações, feita por Gil Vicente e terminada em 1505.

É sabido que o sultão ficou pagando tributos ao rei de Portugal até 1505, quando houve uma revolta em Quíloa, que foi encerrada com a vitória dos portugueses, e o estabelecimento de uma feitoria, e uma fortaleza (uma das primeiras fortalezas portuguesas fora de Portugal). À medida que os anos se sucediam, Quíloa ia perdendo importância como porto, sendo priorizados portos no continente como Melinde e Mombaça, tendo por isso Quíloa sendo retomada pelos suáíles em 1512. (CRUZ, 2021)


O interessante sobre a carta também é que ela cita toda a rota que estava nos planos da esquadra, além de Quiloa, Melinde, Anjadiva (Angediva), Cananor, Calecute e Cochim.

A frota foi direto a Melinde **que** lá se podia aportar com segurança, fazer os preparativos, manutenção nas embarcações, e em seguida cruzar o oceano Índico rumo à ilha de Anjadiva, uma ilha próxima da Índia continental. Os três últimos territórios citados já são na Índia continental, e estão atualmente no atual estado de Kerala. **Vasco da Gama veio com uma frota de guerra, e travou uma batalha contra o samorim de Calecute, com a ajuda do Raja de Cochim. Ele foi bem-sucedido na sua empreitada.**

Melinde é uma cidade que **atualmente fica** na costa do Quênia. **De Melinde ele partiu para Anjadiva.** Uma ilhota que possui 1,5 quilômetro quadrado, e está a 1,8 km da costa do sul de Goa. **Anjadiva era um ponto estratégico, porque era um ponto de descanso após a travessia do oceano Índico e para se preparar para aproximar do continente.** Como essa segunda viagem era para fazer guerra frente aos mouros e hindus, logo ocorreram as batalhas contra os adversários.


Com a história geral de Vasco da Gama, elucidada e também sua segunda viagem, a seguir **será analisada os aspectos** mais técnicos da escrita do manuscrito.

### 3.2 O TRABALHO FILOLÓGICO NA EDIÇÃO DO TEXTO

A filologia é o estudo do texto, incluindo sua linguagem e seus aspectos literários, por meio da análise histórica de documentos escritos. (FERRARI, 2016) 

Ela abrange diversas áreas, incluindo a análise de textos antigos, a história das línguas, a etimologia, a gramática histórica, a crítica textual e a interpretação de literatura. Os filólogos trabalham para entender a história, o desenvolvimento e as características das línguas, bem como para decodificar textos antigos, a fim de melhor compreendê-los.

Dentro dos estudos filológicos, uma ciência, dentre outras, que é importante para esses estudos é a paleografia.

A concepção de Paleografia vem do grego, através da fusão de dois termos: *παλαιός* {paleós} (antigo) e *γραφή* {gramí} (escritura), o que faria da paleografia a ciência que estuda os textos antigos. Contudo, esta é uma definição um pouco vaga; para Cencetti a paleografia “é lo studio critico delle antiche scrittura ed e suo scopo non solo interpretare esattamente i manoscritti, ma anche datarli, localizzarli, e, in generale, trarre dalle loro aspetto esteriori...”<sup>1</sup> 

Os “aspectos exteriores” da paleografia referem-se às características físicas e visíveis dos documentos manuscritos que são estudados. Isso envolve analisar elementos como o estilo da escrita, a formação das letras, a disposição do texto na página, a qualidade do papel ou pergaminho utilizado, marcas de tinta, entre outros detalhes **tangíveis**. Esses elementos **visíveis** são cruciais para os paleógrafos, pois ajudam a datar, localizar e interpretar os manuscritos, trazendo entendimento sobre a época, o local e as circunstâncias em que foram produzidos.

Também Lasala nos orienta sobre uma boa definição de paleografia:

La Paleografia non è soltanto una specie di «arte tecnica» il cui scopo sarebbe l'acquisto d'una certa abilità nella lettura delle scritture a noi anteriori. Spesso chi possiede una tale facoltà è ritenuto paleografo. Così si pensava in modo particolare durante l'Ottocento; oggi, tuttavia, per diventare paleografo, si richiedono pure altre conoscenze. Leggere le antiche scritture, infatti, costituisce il fondamento d'ogni ulteriore progresso nella conoscenza dei manoscritti. Ma ciò non basta: ad un paleografo viene richiesto lo sguardo più ampio a cui sopra abbiamo fatto riferimento, e cioè una visione che estende le sue ricerche fino ad arrivare alle diverse cause che spiegano la genesi e il progredire dei singoli tipi di scrittura, quella latina nel nostro caso particolare.<sup>2</sup> (LASALA, 2010, p. 4)

<sup>1</sup> “A paleografia é o estudo crítico das antigas escrituras e tem como objetivo não apenas interpretar exatamente os manuscritos, mas também datá-los, localizá-los e, de modo geral, extrair de seus aspectos exteriores...”

<sup>2</sup> A Paleografia não é apenas uma espécie de “arte técnica” cujo objetivo seria a aquisição de certas habilidades na leitura de escritas que nos antecedem. Frequentemente, aquele que possui tal habilidade é considerado um paleógrafo. Isso era particularmente pensado durante o século XIX; hoje, no entanto, para se tornar um paleógrafo, são necessários também outros conhecimentos. Ler as escritas antigas, de fato, constitui a base de todo

O que Lasala (2010) disse sobre a paleografia não é válido somente para a paleografia latina, mas também para a paleografia portuguesa e para paleografia de uma maneira geral. O conteúdo desenvolvido até aqui, serve justamente trazer “essa visão que se estende”, para melhor entendermos o material com o qual se está lidando.

Com base no que foi dito sobre filologia e paleografia, agora podemos prosseguir sobre a caligrafia da carta:

Em 1969, Eduardo Borges Nunes propôs a denominação de “manuelina” para uma “letra nova”, surgida no reinado de D. Manuel, apresentando-a como “bem distinta da letra joanina”, que desapareceu em meados do século XVI, após um processo de hibridação. Considerou que esta “letra nova”, sendo cursiva por formação, apresentava duas versões: uma caligrafada e outra cursiva veloz. Nas referências a esta nova letra foram feitas algumas comparações com o cânone joanino e com o modelo da escrita cortesã castelhana. As classificações, mais ou menos tradicionais, baseadas nas grandes “famílias” de escrita situam esta “nova letra” no campo das góticas quanto à formação e nos subgrupos das caligráficas e cursivas no que diz respeito ao modo de execução. (COELHO apud Eduardo Borges, 2018 pág 98).

A escrita gótica caracterizava-se pelo traçado rápido, pela tendência à união das letras, que eram mais angulosas, com hastes caídas para a esquerda e por traços longos e finos envolvendo a letra. (BERWANGEL 2008, p. 66)

Tendo em vista as classificações acima estabelecidas, estamos lidando na carta com uma escrita da família das letras góticas, que foi classificada como “manuelina”. Seu subtipo é conhecido como “cursiva comum”.

A carta aqui trabalhada é parecida ao estilo da carta de Pero Vaz de Caminha. Ambas são “escritas góticas manuelinas comuns”. (CAMINHA, 2001)

Depois dessa breve descrição podemos agora ir à formatação do manuscrito. Como ele é dividido.

---

progresso adicional no conhecimento de manuscritos. Mas isso não é suficiente: um paleógrafo é solicitado a ter uma visão mais ampla, à qual nos referimos anteriormente, ou seja, uma visão que estende suas pesquisas até as diversas causas que explicam a origem e o desenvolvimento dos diferentes tipos de escrita, a latina em nosso caso particular.



### 3.3 ORGANIZAÇÃO DO MANUSCRITO

O manuscrito aqui estudado é uma carta, e como uma carta, ela possui uma certa padronização que será demonstrada a seguir: No anverso da carta, ela começa com o referente: “O almiranti Dom Vasco et cetera...”. Sobre o referente, é possível destacar que o et cetera depois do nome, indica os muitos títulos que Vasco da Gama adquiriu. É importante percebermos o pronome de tratamento ‘Dom’, que é um título que é dado a pessoas de destaque social pela coroa. Lembremos o fato de que na introdução deste trabalho, destacamos que Vasco da Gama sempre assinava seu nome junto a alguma titulação que o represente, que foi justamente um dos argumentos destacados por Keil (1934) para questionar a carta de Alaux. Este manuscrito confirma este padrão.

A mensagem principal da carta começa com “faço saber atodolos capitães...” e termina em “...conpires tudo oem cyma dito feito diante quiloa”.

Depois da mensagem, temos a data: “XX di djulho dquihemtos & dous//” com as duas barras indicando o fim da carta.

Abaixo à esquerda temos duas partes que se forem lidas juntas, podem causar confusão no entendimento da mensagem, devido à falta de algum recurso visual, ou de pontuação, que separe as duas partes: o post scriptum, e o destinatário.

O post scriptum é uma mensagem que vem depois do texto. Neste caso aqui em particular, é uma instrução aos outros capitães: “& isto tornarês ãos mouros tãnto que o lerdes”. O verbo tornar aqui significa voltar, e já foi visto que ele está no futuro do presente do indicativo. Os pronomes ‘isto’ e ‘o’, se referem não ao conteúdo do manuscrito, mas a ação de retaliação empregada à ilha de Quiloa. “Tãnto”, de acordo com o dicionário PRIBERAM, é um advérbio que tem alguns significados como: 7 Em tal número ou quantidade. 8. Em tão alto grau. 9. De tal modo. 10. Com tal força. (PRIBERAM, [2023?]). Então o significado da instrução aos outros capitães é: “façam aos Mouros, aquilo que eu fiz em Quiloa, com tal intensidade, como vocês leram aqui”.

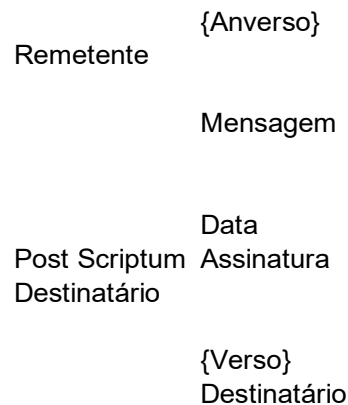
Apesar de vir junto à instrução, a outra frase a seguir é o destinatário: “Paraos outros que vierẽ//” A palavra “outros” aqui, está sendo usada de uma forma não muito convencional nos dias atuais. Algum leitor pode perguntar: outros quem? Esses outros são os outros capitães. Como Vasco da Gama já destacou no verso da carta que os outros são os “outros capitães”, ele poderia ocultar a palavra “capitães”, pois um leitor da época já saberia de quem se tratava.

À direita temos a assinatura do autor: “Hoalmirãnte dõvco //”.


E, por último, no verso da carta, temos o destinatário novamente expresso só que de maneira mais completa: “Carta para os capytais q aquiivierem”.


O diagrama abaixo, ajudará a visualizar melhor a localização destas partes no manuscrito:

Figura 1: Diagrama de organização do Manuscrito





### 3.4 SOBRE A LÍNGUA PORTUGUESA DA CARTA

Quando convertemos a grafia do manuscrito para a nossa atual, percebe-se que — Sobre o português escrito na carta —, este não apresenta muitas dificuldades ao leitor atual. O português no início do século XVI possui uma inteligibilidade maior a nossa contemporaneidade do que o português mais arcaico dos séculos XIII e XIV, mas, outrossim, pode haver e 

A expressão "e se me hi ñ achardes", pode ser a única que possa causar mais estranhamento ao leitor. E como disse Lopes et al (2017 apud Mattos e Silva,  95):

“...pode ser deduzida como pronominais adverbiais, o anafórico arcaico i (escrito y, hi ou hy) é oriundo de IBI (aí) ou de HIC (aqui) do latim, enquanto ende~en originou-se de INDE. Essas duas formas (i e ende) são formas próprias dos textos do português antigo que se tornam mais raras a partir do século XV. São vocábulos considerados anafóricos por se referirem a algo anteriormente citado no texto. No primeiro caso, modernizamos i como aí ou, mais precisamente, "em relação a isso" e en~ende como disso, nisso.

Hi, na carta, está com sentido de aí. Supostamente não faria sentido, pois Vasco da Gama está se referindo a um local no qual ele está longe no momento do discurso. Vejamos este trecho: “e se me hy ñ achardes hiruos es a anjadiua & se me hy ñ achardes partiruos es caminho de cananor”. Essa passagem ficaria mais ou menos assim, numa linguagem atualizada. “...Se você não me achar aí, ireis para Anjadiva, e se não me achar também aí, ireis para o caminho de Cananor...”. Veja que neste caso o receptor da mensagem, já está no local designado.  Vejamos outro caso: como fica diferente se trocarmos o ‘aí’ por ‘lá’. “...Se você não me achar lá, ireis para Anjadiva, e se não me achar também lá, ireis para o caminho de Cananor...”. No segundo caso, ambos o mensageiro e o receptor, estão distantes do local referido. 

Fiorin (2016) explica sobre essa situação dizendo que isso é uma troca do espaço do enunciador pelo do enunciatário ou, de acordo com a teoria da enunciação, uma embreagem do espaço. Ao fazer a mudança do local, Vasco da Gama quis passar o efeito de que qualquer navegador que estivesse navegando durante aquele contexto, e não encontrasse a armada de Vasco de Gama naquele local determinado (ele repete algumas vezes a expressão "e se me hi ão achardes" na carta) era porque a armada dele estava, já, em outro lugar; e deu-lhes toda a rota que seria traçada até a Índia. A mudança do lá, para o aí (na carta hi), passa a ideia de que o destinatário do discurso já está naquele lugar e não de que ainda chegará lá nesse mesmo lugar. Uma mudança sutil no discurso que nos passa a ideia de que Vasco da Gama confiava na capacidade técnica dos outros capitães, pois dá a certeza de que eles são capazes de chegar até os locais designados.

Outro ponto a salientar na carta está no verbo "tornarês" no final da carta. Keil (1934, p. 109), na sua edição, colocou o verbo como "tornares", mas se olharmos o manuscrito, o verbo possui um til, então na edição que será proposta aqui ele foi representado assim: "tornarês ãos", o mesmo til cobre as letras 'e', 's', da palavra "tornarês" e o 'a' da palavra seguinte "ãos". Isso muda totalmente a pessoa do verbo, do presente do indicativo para o futuro do presente do indicativo. E o til, como acento textual, ele serve basicamente para nasalizar a letra. Levando em conta a vogal 'e', então poderíamos estar diante de uma possível forma "\*tornarês" ou "\*tornarêis" com som nasal da forma atual tornareis.

Não é o objetivo deste trabalho conjecturar a forma das palavras, porém abre-se um campo interessante de estudos, para quem quiser entender o funcionamento das formas verbais do século XVI.

Destarte, podemos destacar outras palavras que são interessantes do manuscrito como: "atodolos", "bates", "trabuto", "descortesmente" e "vades".

A primeira delas é a palavra "atodolos" que é uma forma antiga de dizer "a todos os", note que nessa expressão o artigo mais antigo "los" ainda se mantém, e a preposição "a" também fica junto, então isso era visto como uma palavra só, e não como três vocábulos, como usaríamos hoje. A palavra "bates" significa pequenas embarcações, tendo a palavra "batel" como sinônimo, e a forma atual dela é "bote". "Trabuto" é "tributo". "Descortesmente" é agir de maneira descortês. Outro verbo interessante "vades" é uma forma antiga do verbo ir conjugado na segunda pessoa do plural indicativo que nas gramáticas normativas é escrito como "vais".

Perceber o comportamento dos verbos, como eles são apresentados, é uma boa fonte de entendimento da língua da época, é possível notar, especialmente nos usos da segunda pessoa do plural, uma transição das formas mais arcaicas, para as atualmente registradas nas gramáticas normativas. Os verbos “vades” e “tornarês” são exemplos dessa transição. Outras formas são registradas como “entrares” e “fares”, ambas sendo futuro do presente, porém sem o acento da palavra “tornarês”. Isso mostra uma certa variação, no entendimento dessas formas, na hora de escrevê-las.

Por último analisaremos as mesóclises: “hiruos es” e “partiruos es”. Diferente da mesóclise atual que é feita com hífen, a mesóclise nesse escrito, seriam duas palavras. Seria a união de uma próclise (formada por infinitivo mais pronome oblíquo) e um verbo auxiliar em forma conjugada no futuro do presente do indicativo de “haver”. Nos dois casos acima o verbo haver está numa forma antiga “es” na segunda pessoa do plural, na língua portuguesa atual esse é um morfema número pessoal. Juntando próclise mais verbo auxiliar, forma-se a mesóclise e indica tempo futuro.

## 4 ELABORAÇÃO E NORMAS DE EDIÇÃO DO MANUSCRITO

### 4.1 NORMAS DE EDIÇÃO

1. A transcrição será conservadora.
2. As abreviaturas, alfabéticas ou não, serão desenvolvidas, marcando-se em itálico, as letras omitidas na abreviatura. Exemplo: *que, para*.
3. Respeitar, sempre que possível, a grafia do manuscrito, ainda que manifeste idiosincrasias ortográficas do escriba, como no caso da ocorrência: “trabuto”
4. Não será estabelecida fronteira de palavras que venham escritas juntas, nem se introduzirá hífen ou apóstrofo onde não houver. Exemplos: “aelrrey”, “hiruos es”.
5. A pontuação original será rigorosamente mantida.
6. A acentuação original será rigorosamente mantida, não se permitindo qualquer alteração. Exemplos: tornarês; vierê, cõdição.
7. Será respeitado o emprego de maiúsculas e minúsculas como se apresentam no original.
8. Eventuais erros do escriba ou do copista serão reproduzidos no texto com uma linha tachada. Exemplo: ~~mas ante~~.
9. A divisão de linhas do documento original será preservada, mantendo as palavras nas suas posições originais. O anverso e o verso do manuscrito serão indicados.
10. O til “~” será indicado normalmente nas palavras, porém por limitações tipográficas, em algumas letras, o til será representado por uma linha sobrescrita no caractere. Exemplos: dîtõ, Hoalmirãnte, señõr.
11. O símbolo “&” será usado tanto para representar tanto o ‘E comercial’ quanto o ‘E tironiano’. Ambos os símbolos representam a conjunção ‘e’, então ‘&’ também possui o valor da conjunção ‘e’. Como ‘&’ ainda é um símbolo inteligível nos dias de hoje, então será mantido na edição.
12. O ponto final será representado por “//” duas barras, assim como no manuscrito. O espaço para a assinatura do navegador na parte inferior da carta será separado por algumas “|” barras verticais, para tentar reproduzir ao máximo a formatação do manuscrito.

Após as normas de edição, serão disponibilizados nessa ordem respectivamente: um quadro escriptográfico que disponibilizará os símbolos da carta para entendimento e decodificação.

Depois serão disponíveis a reprodução fac-símile, tanto do anverso, quanto do verso da carta.

Após a edição paleográfica, será disponibilizada, também, uma edição modernizada. Esta segunda versão, terá mais liberdade para intervenção do editor; contudo, ela ainda assim terá uma linguagem mais arcaizante, para tentar manter ao máximo o estilo literário do original.

Então serão reunidas, após o quadro escriptográfico, as seguintes normas de edição nesta ordem: o fac-símile, a edição paleográfica e a edição modernizada.

## 4.2 QUADRO ESCRITOGRÁFICO

Logo abaixo será disponibilizado um quadro escriptográfico, dividido em duas partes. Este quadro possui três colunas: uma à esquerda, uma no meio e uma à direita. Na coluna da esquerda estão as letras do nosso alfabeto e palavras do português que possuam símbolos próprios (abreviaturas) no manuscrito. A coluna do meio mostra os **símbolos** individuais do manuscrito. Na coluna da direita, **mostram** as palavras **que foram retirados** os símbolos. Com este quadro, ficará mais fácil a quem se interessar, **tentar** decodificar a carta por si mesmo.



Figura 2: Quadro Escripográfico I 




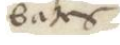

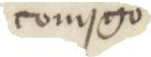



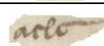









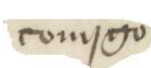

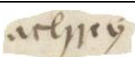















A		
B		
C		
D		
E		
F		
G		
H		
I		
J		
L		
M		
N		
O		
O (Letra Capitular)		
P		
Q		
R		
S		

Figura 3: Quadro Escripográfico II



T		
U		
V		
X		
Y		
Z		
&		
Para		
Co		
De		
Vos		
Que		
Et Cetera.		
0		
2		
5		
Til		
Ç		
Carta		

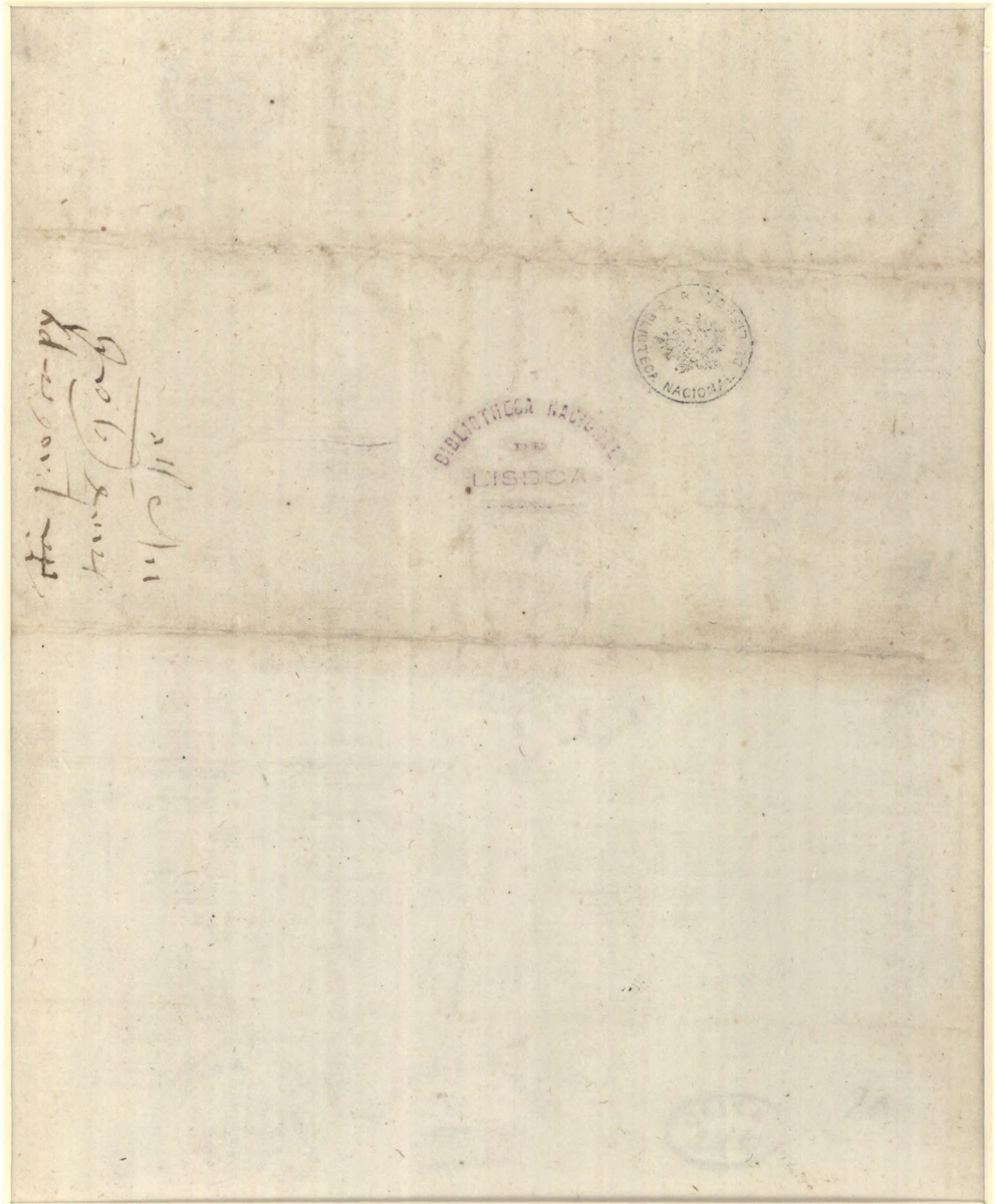
### 4.3 FAC-SÍMILE

Logo abaixo estarão disponibilizados a reprodução fac-símile do anverso e do verso do manuscrito. A todos os interessados que desejem averiguar a carta original de Vasco da Gama.





Figura 5: Fac-símile do verso da carta de Vasco da Gama para os capitães da armada das Índias, com instruções.



Fonte: GAMA, Vasco da. [Carta de Vasco da Gama para os capitães da armada das Índias, com instruções]. Feito diante Quíloa, 20 de julho de 1502. 2 folhas. 29 cm. Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa. PTBN: MSS. 244, nº 2: verso. Disponível em: <<https://purl.pt/21745>>. Acesso em 12 de dez. 2023

## 4.4 EDIÇÃO PALEOGRÁFICA

{Anverso}

O almiranti Dom Vasco et cetera faço saber atodolos capitães de quaes quer na  
vios delrrey meu Señõr que aeste porto de quilloa vierẽ *que* eu vim aele  
aos xii deste mes de julho de 502 & me qujsera ver cõ ãlrrey *para* coele fazer  
paz & amjzade &ele sãõ quijs ver comigo mas antes se ouue muy  
descortesmente polo quall me army cõ tõda ajente que tinha cõ de  
treminaçãõ deo destrvir & me fuy em meus bates de fronte de  
sua casa & pus aproa em seco & omandey chamar muyto mas  
descortesmente do que se ele ~~ouue~~ comigo ouue & ele ouue por  
seu barato fazelo asy & veo & fiz coele paz & amjzade cõ tal cõ  
diçãõ que ele page de trabuto & pareas aelrrey meu senõr mil  
& quinhentos miticaes d'oro em cada hũ ãno os qaes mil & quinhe  
ntos mjticaes me logo pagou deste ano presente o que estamos  
& se fez vasalo desua alteza polo qual vos mando dasuapa  
rti & depois daminha quevos lhe garde a dõtã paz em qanto aeles  
gardarẽ asy como e razaon que se faça aos vasalos do dõtõ *señõr*  
E isto notefico atodolos em Geral & aqueles que para estas partes vindes  
Em qanto eu qua estou vos mando que aquy nõ façaees nẽhuã d  
demora mas logo vos vades caminho de melinde e se me hy nõ achar  
des hiruos es a anjadiua & se me hy nõ achardes partiruos es cami  
nho de cananor & andares de dia & de noiti pousares portal que me  
nãõ pases & se me hy nõ ãchardes nesa maneira hires acalecut  
E se me hy nõ achardes. Iso mesmo fares caminho de cochim & se fez  
caso que antes que em este porto entrees vos seja dada esta carta de  
fora nom entrades dentro por que este porto he mao de sair mas antes  
vos hires ~~mas ante~~ muyto enboora & conpires tudo oem cyma  
dito feito diante quiHaloa XX di djulho dquinh,  
tos & dous//  
& isto tornarẽs ãos mouros tãnto *que* o | Hoalmirãnte dõvco //  
lerdes paros |  
outros *que* vierẽ// |

{verso}

Carta para os capytais q aq  
iiwierem

#### 4.5 EDIÇÃO MODERNIZADA

Eu, o almirante Dom Vasco etc., faço saber a todos os capitães de quaisquer navios de elrey, meu Senhor, que para este porto de Quiloa vierem, que eu vim a ele, no dia doze deste mês de Julho de 1502. E eu queria me encontrar com el-rei local para com ele fazer paz e amizade, e ele não quis se encontrar comigo. Mas antes agiu de maneira descortês. De forma que eu me armei com toda gente que estava comigo e que tinha determinação de o destruir. Fui-me em meus botes de frente a sua casa e pus a proa a seco e o mandei chamar muito mais descortesmente do que ele foi comigo. Ele teve, contra a sua vontade, de me encontrar e veio; e fiz com ele paz e amizade com tal condição que ele pague de tributo e páreas a el-rei, meu senhor, mil e quinhentos meticais de ouro a cada um ano. Os quais mil e quinhentos miticais me pagou logo o deste ano presente que estamos. E se fez vassalo de sua alteza, pelo qual vos mando da sua parte e depois da minha que vós lhe guarde a dita paz. Enquanto eles guardarem a paz, assim como é sabido, que se faça a eles vassalos do dito senhor.

E tudo isto notifico a todos em geral e àqueles que para estas partes vindes. Enquanto eu cá estou, vos digo que aqui não façais nenhuma demora, mas logo vós vais a caminho de Melinde. E se aí não me achardes, então ir-vos-eis para Anjadiva. E se aí não me achardes, então partir-vos-eis para o caminho de Cananor. E andareis de dia, e de noite repousareis de tal maneira que não me ultrapasse no caminho. E se aí não me achardes, dessa forma, ireis a Calicute. E se aí não me achardes (isso mesmo), fareis o caminho de Cochim. E é preciso salientar que antes que vós entreis neste porto, que esta carta seja dada de fora dele. Não entreis dentro do porto porque ele é mau de sair, mas antes vós ireis logo embora e cumprireis tudo aquilo que foi dito acima. Escrito diante de Quiloa.

{Data} XX de julho de quinhentos e dous.

{Post Scriptum} E então tornareis aos mouros tudo isso que lerdes.

{Destinatário} *Para* os outros que vierem.


{Assinatura} O Almirante Dom Vasco.

{verso}

{Destinatário} Carta para os capitães que aqui vierem.




## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, a presente análise filológica sobre a carta de Vasco da Gama, oriunda do século XVI, oferece uma contribuição substancial para a compreensão mais profunda e precisa deste documento histórico. Ao revisitar a edição realizada por Luis Keil no início do século XX e abordar os desafios identificados, este estudo não apenas corrobora a importância da filologia na interpretação de textos antigos, mas também ressalta a necessidade constante de revisão e refinamento de edições existentes para enriquecimento do conhecimento sobre o período retratado. 

Ao longo desta pesquisa, discorreu-se sobre a história de Vasco da Gama, contextualizando a carta no cenário de sua época. Explorando os conceitos de paleografia e filologia que fornece um arcabouço teórico para a análise da escrita do período. Isso possibilitando a investigação nos aspectos linguísticos da língua portuguesa presente na carta, destacando nuances e peculiaridades que enriquecem nossa compreensão histórica e linguística.

A definição de critérios claros para a transcrição, aliada à criação de uma tabela decodificadora, visa facilitar o acesso e a interpretação do texto, promovendo a democratização do conhecimento contido na carta. O fac-símile, junto com a edição paleográfica e também da edição modernizada, não apenas aprimoram a legibilidade do documento, mas também oferecem ferramentas robustas para pesquisadores e interessados que desejem explorar o conteúdo de maneira mais aprofundada.

Assim, esta pesquisa não apenas preenche lacunas na compreensão da carta de Vasco da Gama, mas também destaca a relevância contínua da filologia como disciplina indispensável para a interpretação precisa e contextualizada de documentos históricos. Ao proporcionar uma visão mais clara e acessível deste importante registro, este estudo contribui significativamente para o enriquecimento do conhecimento histórico e linguístico, oferecendo uma base sólida para futuras investigações e estudos dentro deste campo. 

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GAMA, Vasco da. [Carta de Vasco da Gama para os capitães da armada das Índias, com instruções]. feito diante Quíloa, 20 de julho de 1502. 2 folhas. 29 cm. Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa. PTBN: MSS. 244, nº 2. Disponível em: <<https://purl.pt/21745>>. Acesso em: 10 dez. 2023.

FIORIN, José Luiz. As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo – 3.ed – São Paulo: Editora Contexto, 2016.

MOURÃO, Ronaldo Rogério de Freitas. A Astronomia em Camões – Lacerda Editores, Rio de Janeiro, 1998.

CAMÕES, Luís de. Os Lusíadas. Edição Crítica de Francisco da Silveira Bueno. Coleção Prestígio – Ediouro, Rio de Janeiro. [1980?].

TOWLE, George M. (George Makepeace), 1841-1893. Vasco da Gama his voyages and adventure. Boston : Lothrop, Lee & Shepard co. New York, 1878.

FONSECA, Luís de Adão — Vasco da Gama, O Homem, a Viagem, a Época; Lisboa, Expo 98 1997.

COELHO, Maria Teresa Pereira – A escrita “manuelina” nas provisões régias quinhentistas. Cadernos do Arquivo Municipal. 2ª Série Nº 10 (julho-dezembro 2018), p. 97 – 109.

KEIL, Luís. As assinaturas de Vasco da Gama: uma falsa assinatura do navegador português / críticas, comentários e documentos por Luís Keil. Lisboa: [s. n.], 1934.

BOXER, Charles R. O império marítimo português, 1415-1825. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, cap. 2, pp. 54-79.

SOUZA, Thomaz Oscar Marcondes de. A primeira viagem de Vasco da Gama à Índia. *Revista de História*, [S. 1.], v. 19, n. 40, p. 289-301, 1959. DOI: 10.11606/issn.2316-9141.rh.1959.119796

LASALA, Fernando J. de, S. I. *Compendio di Storia della Scrittura Latina Paleografia Latina*. Roma: Pontificia Università Gregoriana, Facoltà di Storia e Beni Culturali della Chiesa, ottobre de 2010.

BERWANGER, Ana Regina. *Noções de paleografia e diplomática / Ana Regina Berwanger, João Eurípides Franklin Leal*. 3. ed. rev. e ampl. - Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2008.

GAMEIRO, A. R. (Alfredo Roque), 1864-1935; Dias, C. M. (Carlos Malheiros), 1875-1941; Vasconcellos, E. J. de C. e, 1852. *História da Colonização Portuguesa do Brasil: Edição Monumental Comemorativa do Primeiro Centenário da Independência do Brasil*. (Vol. 2). São Paulo: Editora Nacional, 1921-1924.

COSTA, Manuel Fernandes. *As Navegações Atlânticas no Século XV*. Biblioteca Breve, Volume 30. Instituto de Cultura Portuguesa, Secretaria de Estado da Cultura, Presidência do Conselho de Ministros. © Instituto de Cultura Portuguesa. 1.<sup>a</sup> edição. Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da Livraria Bertrand, Venda Nova – Amadora, Portugal, janeiro de 1979.

BARROS, João de. *Ásia de Joam de Barros: Dos feitos que os portugueses fizeram no descobrimento e conquista dos mares e terras do ocidente: Primeira Década*. 4.<sup>a</sup> edição revista e prefaciada por António Baião, conforme a edição princeps. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1932. (Originalmente publicado em 1628).

FERREIRA, Ana Cristina Pereira da Silva. “Análise Paleográfica de uma escrita de Chancelaria Régia: A letra Joanina, 1370-1420”. Dissertação (Mestrado em História, Paleografia e Diplomática), Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Departamento de História, 2011. Orientada pelo Prof. Doutor Bernardo de Sá Nogueira.

ARAGÃO, A. C. Teixeira de. D. Vasco da Gama e a Vila de Vidigueira: bosquejo histórico. Lisboa: Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, impressor da Casa Real, 1871.

CAMINHA, Pero Vaz de. A Carta de Pero Vaz de Caminha: reprodução fac-similar do manuscrito com leitura justalinear/de Antônio Geraldo da Cunha, César Nardelli Cambraia, Heitor Megale. 2. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

LOPES, Célia Regina dos Santos et al. Olhares sobre o português medieval: Filologia, História e Língua. Rio de Janeiro: Editora Vermelho Marinho, 2017.


FERRARI, M. A redescoberta da filologia. Pesquisa FAPESP, São Paulo, v. 239, jan. 2016. Disponível em: <<https://revistapesquisa.fapesp.br/a-redescoberta-da-filologia/>>. Acesso em: 10 dez. 2023.

GALILEU. Instrumento de navegação da esquadra de Vasco da Gama é encontrado. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Historia/noticia/2017/10/instrumento-de-navegacao-da-esquadra-de-vasco-da-gama-e-encontrado.html>>. Acesso em: 11 dez. 2023.

CRUZ, Carlos Luís M. C. da; VIEIRA ROMÃO, Carlos F. Fortalezas Fortificação Forte de Quíloa. Quíloa, costa oriental — Tanzânia. Atualizado em 26/12/2021 pelo tutor Carlos Luís M. C. da Cruz. Disponível em: <[https://fortalezas.org/index.php?ct=fortaleza&id\\_fortaleza=584&muda\\_idioma=PT](https://fortalezas.org/index.php?ct=fortaleza&id_fortaleza=584&muda_idioma=PT)>. Acesso em: 11 dez. 2023.

CAMPBELL, Eila M.J. et al. Vasco da Gama. In: History & Society. Britannica, Oct 19, 2023. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Vasco-da-Gama>>. Acesso em: 11 dez. 2023.

HERÁLDICA, Instituto Português de. Armas e Troféus: Revista de História e de Arte. Lisboa, 1932-1936. Disponível em: <[https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/ArmaseTrofeus/ArmaseTrofeus\\_item1/](https://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/ArmaseTrofeus/ArmaseTrofeus_item1/)>. Acesso em: 11 de dez. de 2023.

TANTO : Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha]. 2008-2023. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/tanto>>. Acesso em: 11 dez. 2023.